



Dois poemas de Ruy Belo*

* O texto segue a norma ortográfica de 1945.

Nunca sabemos muito bem o que nos liga a um poeta, que palavras nos fazem mais falta, que portas se nos abrem quando as lemos, a sós connosco, em momentos de luz e de sombra, à espera de encontrar nessa leitura um eco de nós próprios, um esquecido fragmento de outra vida que não vivemos por engano e onde voltamos apenas graças àquelas palavras.

Entre mim e Ruy Belo foi sempre assim que tudo aconteceu, e é desse modo que hoje acontece cada vez mais. Quando, não há muito tempo, escrevi um ensaio para o colóquio que a Fundação Calouste Gulbenkian lhe dedicou (Novembro de 2011), percorri alguns dos seus poemas de amor, alguns dos que mais me marcaram e ficaram gravados na memória e no coração – ou melhor, na memória do coração, que é sempre a mais decisiva na leitura de poetas como Ruy Belo. Esses textos – reunidos, entre outros, numa pequena e preciosa antologia vinda a lume em 2010 na Assírio & Alvim (*O Tempo das Suaves Raparigas e Outros Poemas de Amor*) – foram, por exemplo, “Orla Marítima”, “Declaração de amor a uma romana do século segundo”, “To Helena”, “Elogio de Maria Teresa”, “Tu estás aqui”, “Elogio e pranto por uma mulher”, “Muriel” ou um longo poema de também longo título – “Ao regressar episodicamente a Espanha, em Agosto de 1534, Garcilaso de la Vega tem conhecimento da morte de Dona Isabel Freire”. Esse texto representa para mim uma das mais belas elegias alguma vez escritas em língua portuguesa e espraia-se por mais de uma dezena de páginas, numa reflexão sobre o amor, o tempo e a morte e num diálogo com Garcilaso, graças ao qual o poeta espanhol fala através de Ruy Belo e o próprio Ruy Belo através de Garcilaso.

Espero um dia regressar com mais tempo a esse poema, porque é daqueles onde volto sempre, sentindo que merece uma outra leitura. Ficará, no entanto, para mais tarde. Hoje, neste breve testemunho, apetece-me recordar dois outros textos do Ruy (gosto de lhe chamar assim, sem o apelido e com o artigo, como se o tivesse conhecido), aos quais tenho voltado ultimamente. O primeiro está incluído na já referida antologia, provém de *Homem de Palavra[s]*, intitula-se “Através da chuva e da névoa” e consiste na evocação de uma despedida, de alguém que o poeta viu (e ainda vê) desaparecer no mar, como se a memória reconstituísse esse momento e o prolongasse até ao presente.

Chovia e vi-te entrar no mar
longe de aqui há muito tempo já
ó meu amor o teu olhar
o meu olhar o teu amor
Mais tarde olhei-te e nem te conhecia
Agora aqui relembro e pergunto:
Qual é a realidade de tudo isto?
Afinal onde é que as coisas continuam
e como continuam se é que continuam?
Apenas deixarei atrás de mim tubos de comprimidos
a casa povoada o nome no registo
uma menção no livro das primeiras letras?
Chovia e vi-te entrar no mar
ó meu amor o teu olhar
o meu olhar o teu amor

Que importa que algures continues?
Tudo morreu: tu eu esse tempo esse lugar
Que posso eu fazer por tudo isso agora?
Talvez dizer apenas
chovia e vi-te entrar no mar
E aceitar a irremediável morte para tudo e todos

Estamos aqui perante um poema construído a partir de uma lembrança repercutida na memória, que amplia o instante crucial dessa quase-epifania entretanto dissipada pelo tempo: “Chovia e vi-te entrar no mar”. Assim, ao regressar a esse momento eternizado pelo olhar, a presença do tempo – como sempre acontece em Ruy Belo – vem dissolver a percepção e a consciência desse facto, tornando-o quase irreal e levando às habituais perguntas sem resposta:

Mais tarde olhei-te e nem te conhecia
Agora aqui relembro e pergunto:
Qual é a realidade de tudo isto?
Afinal onde é que as coisas continuam
e como continuam se é que continuam?

Todo o poema oscila, deste modo, entre a tentativa de retornar a esse instante irrepetível, para sempre coagulado na memória, e, pelo contrário, a noção muito clara de que «tudo morreu» e de que não adianta revoltarmo-nos contra essa morte. Podemos, é claro, repetir um verso, sempre o mesmo verso – “Chovia e vi-te entrar no mar” –, mas nenhuma repetição nos fará reviver um passado cuja morte temos de aceitar sem alternativa. É essa a melancólica lição deste poema:

Tudo morreu: tu eu esse tempo esse lugar
Que posso eu fazer por tudo isso agora?
Talvez dizer apenas
chovia e vi-te entrar no mar
E aceitar a irremediável morte para tudo e todos.

O outro texto ao qual tenho voltado obsessivamente nos últimos tempos talvez não possa considerar-se, em sentido estrito, um poema de amor, mas é-o num sentido mais lato e existencial. Refiro-me ao poema “Na morte de Marilyn”, publicado em *Transporte no Tempo*, que passo desde já a transcrever:

Morreu a mais bela mulher do mundo
tão bela que não só era assim bela
como mais que chamar-lhe marilyn
devíamos mas era reservar apenas para ela
o seco sóbrio simples nome de mulher
em vez de marilyn dizer mulher
Não havia no fundo em todo o mundo outra mulher
mas ingeriu demasiados barbitúricos
uma noite ao deitar-se quando se sentiu sozinha
ou suspeitou que tinha errado a vida
ela de quem a vida a bem dizer não era digna
e que exibía vida mesmo quando a suprimia
Não havia no mundo uma mulher mais bela mas
essa mulher um dia dispôs do direito
ao uso e ao abuso de ser bela
e decidiu de vez não mais o ser
nem doravante ser sequer mulher

¹ Cf. Keith Badman, *The Final Years of Marilyn Monroe*, Londres, JR Books, 2010, p. 264 ss..

O último dos rostos que mostrou era um rosto de dor
um rosto sem regresso mais que rosto mar
e toda a confusão e convulsão que nele possa caber
e toda a violência e voz que num restrito rosto
possa o máximo mar intensamente condensar
Tomou todos os tubos que tinha e não tinha
e disse à governanta não me acorde amanhã
estou cansada e necessito de dormir
estou cansada e é preciso eu descansar
Nunca ninguém foi tão amado como ela
nunca ninguém se viu envolto em semelhante escuridão
Era mulher era a mulher mais bela
mas não há coisa alguma que fazer se certo dia
a mão da solidão é pedra em nosso peito
Perto de marilyn havia aqueles comprimidos
seriam solução sentiu na mão a mãe
estava tão sozinha que pensou que a não amavam
que todos afinal a utilizavam
que viam por trás dela a mais comum imagem dela
a cara o corpo de mulher que urge adjectivar
mesmo que seja bela o adjectivo a empregar
que em vez de ver um todo se decida dissecar
analisar partir multiplicar em partes
Toda a mulher que era se sentiu toda sozinha
 julgou que a não amavam todo o tempo como que parou
quis ser até ao fim coisa que mexe coisa viva
um segundo bastou foi só estender a mão
e então o tempo sim foi coisa que passou

A atracção exercida pela figura de Marilyn – em que se baseia todo o poema – começa por se declarar no modo como Ruy Belo a faz simbolizar o próprio género feminino, como se nela se concentrasse o que caracteriza todas as mulheres do mundo: “devíamos mas era reservar apenas para ela / o seco sóbrio simples nome de mulher”. No entanto, esse fascínio – inicialmente justificado pela sua beleza, tópico retomado ao longo do texto ao repetir “era a mulher mais bela” – depressa evolui para uma reflexão sobre os motivos profundos da sua morte, sendo esse acontecimento a desencadear os momentos mais intensos do poema e a interpelar-nos.

Ainda hoje continuam por esclarecer as circunstâncias exactas da morte de Marilyn Monroe na noite de 4 para 5 de Agosto de 1962, na sua casa de Brentwood. De acordo com o inglês Keith Badman – numa investigação recente, que durou cinco anos –, o óbito não terá resultado de um suicídio, mas sim de uma *overdose* accidental não apenas de pentobarbital – o barbitúrico que ela sempre tomava para dormir – como também da funesta conjugação entre o efeito desse barbitúrico e do hidrato de cloral, um forte hipnótico que nessa noite tomou por indicação médica e ao qual o seu organismo ainda não desenvolvera tolerância¹. Fosse como fosse, a sua dependência dos comprimidos era conhecida de toda a gente e já houvera anteriores tentativas de suicídio, o que implica que, naquele contexto, a diferença entre uma *overdose* e um suicídio talvez não seja assim tão importante.

Quanto a mim, o texto de Ruy Belo toca no essencial quando aborda pelo menos dois aspectos centrais da personalidade de Marilyn: primeiro, a sua insónia recorrente (que o poeta conhecia bem), a sua ansiedade e o seu cansaço físico que a levam, no poema, a pedir à governanta: “não me acorde amanhã / estou cansada e necessito de dormir / estou cansada e é preciso eu descansar”; depois, num outro plano, a sua solidão muito profunda, e tanto mais profunda quanto exprimia a incessante busca de um amor que nunca conseguiria atingir plenamente, em oposição ao amor que todos pareciam dedicar-lhe:

Nunca ninguém foi tão amado como ela
nunca ninguém se viu envolto em semelhante escuridão
Era mulher era a mulher mais bela
mas não há coisa alguma que fazer se certo dia
a mão da solidão é pedra em nosso peito.

² Marilyn Monroe, *Fragments – Poèmes, écrits intimes, letters* (edição de Stanley Buchtal e Bernard Comment, prefácio de Antonio Tabucchi), Paris, Seuil, 2010, p. 12.

Destas duas premissas deriva a conclusão com que Ruy Belo termina o poema: o premente desejo de escapar à tirania do tempo e do seu fluxo, que às vezes pesa toneladas, graças a um gesto radicalmente libertador. Essa vontade de fugir ao tempo, de o imobilizar para sempre, está aliás próxima de um tema obsessivo em toda a obra do poeta – o da passagem do tempo, o do “transporte no tempo” que serviria de título ao próprio volume:

Toda a mulher que era se sentiu toda sozinha
julgou que a não amavam todo o tempo como que parou
quis ser até ao fim coisa que mexe coisa viva
um segundo bastou foi só estender a mão
e então o tempo sim foi coisa que passou.

Sempre que releio este poema verifico até que ponto o Ruy (volto a chamar-lhe assim) soube compreender o drama da Norma Jeane, dividida entre o seu espírito inquieto ou perturbado e a imagem pública de loira estereotipada ou *sex-symbol* que se lhe colou à pele e da qual nem a morte a libertou. Muitos anos mais tarde, já depois da morte do Ruy, viriam a ser publicados numerosos poemas e outros escritos de Marilyn, confirmando a inquietação psicológica de alguém que parece, de facto, ter “errado a vida” ou, pelo menos, tê-la vivido no corpo errado. Num magnífico texto (“La poudre du papillon”) que serve de prefácio à edição francesa da obra póstuma e fragmentária de Marilyn Monroe, Antonio Tabucchi fez-lhe justiça e escreveu aquilo que hoje nos parece quase uma evidência:

O que teria acontecido se Marilyn, em vez de ter essa extraordinária beleza que a tornou célebre no cinema, tivesse sido uma mulher de aspecto banal? Teria publicado em vida o que vamos ler agora e ter-se-ia provavelmente suicidado como Sylvia Plath. E talvez tivessem dito que, como Sylvia Plath, ela se tinha suicidado porque era demasiado sensível e demasiado inteligente, e as pessoas demasiado sensíveis e demasiado inteligentes sofrem mais do que as pessoas pouco sensíveis e pouco inteligentes e têm tendência para se suicidar [...]. Porque se as pessoas pouco sensíveis ou pouco inteligentes têm tendência para fazer mal aos outros, as pessoas demasiado sensíveis e demasiado inteligentes têm tendência para fazer mal a si próprias.²

Este depoimento, que eu pretendia breve, já vai longo e não vale a pena acrescentar muito mais. Resta dizer que quando o comecei quisera tê-lo escrito em homenagem a Ruy Belo, para repetir pela enésima vez como os seus poemas mudaram a minha vida e me transformaram por dentro, num processo que continua até hoje. Vejo agora que acabei por incluir também nessa homenagem a Marilyn e o Antonio Tabucchi, mas creio que o Ruy não se vai importar. E embora já nenhum dos três pertença aparentemente ao número dos vivos, a verdade é que continuam comigo, mais vivos do que nunca, e me fazem companhia sobretudo nos momentos em que mais dela preciso. Pode ser mais eficaz do que todos os comprimidos do mundo. Quem disse que a poesia não serve para nada?